

VOL. I. A GRINALDA. N. 11.

JORNAL DOS DOMINGOS.

DOMINGO 12 DE NOVEMBRO DE 1848.

Na lida da humana vida
Deve por-se de permeio,
P'ra suavisar o trabalho,
Adistracção e o recreio.

A GRINALDA Subscreve-se nas lojas de papel dos Srs. Cardozo & Comp.^a, rua do Ouvidor n.º 91; Passos na mesma rua n.º 152; Teixeira & comp.^a rua dos Ourives n.º 21, a 20000 rs. por 12 numeros, avulso 200 rs.

AS TRES ELORES

(Canto Virginico-instructivo.)

DE

JOSÉ ANTONIO DO VALLE.

As flores, que nascem na alma de
uma virgem, tem o aroma da candida
virtude, e recebem a sabiduria moral
inditinda do seio de Deus, que nos não
é dado entender.

Tão pura como os anjos, a virgem
lê a historia da humanidade, e conhece
a sua relação com o Creador.

Feliz é ella unicamente na terra.

SEXTA PARTE.

DO SEIO DE DEUS.

—Sois feliz? meu pae-sinho; tendes feito tanto bem!
Thimoteo, si vós não fosseis, estaria triste e infeliz, longo
da terra, que o viu nascer, e chorando por não poder
alimentar seus filhos.

—Encareces de mais um facto tão simples. Temos campos que excede ás nossas forças de cultivo; elle trabalhará connosco; dar-nos-ha belleza aos nossos valles com as suas plantações de arroz, de centeio e de trigo; e em paga lhe daremos um modico salario, conforme o que elle merecer. O homem que trabalha e sabe medir as suas necessidades, bem longe de soffrer as privações dos desvairados e prodigos, vive tranquillo, rico, e é sempre util aos outros. Feliz o que trabalha, que será ajudado de Deos.

—E' verdade, meu pae-sinho; exagerei muito o que fizestes; tendes mais juizo do que eu. Thimoteo vai-nos servir de muito; bem carecíamos nós de trabalhadores...

—Mas, minha filhinha, de trabalhadores intelligentes e livres, e não de escravos brutos e immorais. Estes ultimos longe de aformosearem nossa terra, a tornam esteril e a mancham com lagrimas arrancadas pelo soffrimento dos trabalhos forçados á que são sujeitos.

—Trabalhadores livres?!

—Sim, os unicos que fazem da agricultura a mãe, a mais nobre e a mais antiga de todas as sciencias.

—Feliz ideia! Raimundo, o pae de Perpetua, é um homem intelligente e trabalhador, mas é pobre; sua familia é numerosa, e o milho, o feijão e a mandioca, que elle colhe, basta apenas para sustentá-la parcamente, de sorte que qualquer doença o atraza. Elle vivirá bem connosco; não é verdade?

—Sim, minha expertinha.

Rosinha alevaptou-se da cadeira em que estava na salêta de seu pae, e saiu, dizendo:

—Antes da noite, meu pae-sinho, eu vos espero na porteira do curral, e ao brando luar da noite praticaremos sobre a nossa lição. Angelica lá estará connosco.

—As terras de meu pae, continuou ella fallando consigo, —o nosso campo tão bom que me tem visto crescer e me tem dado flores para enfeitar a minha trança, hade tornar-se risonho e pingue de fructos e de hervas, e tornar-se a habitação dos felizes. Oh! todos elles me amarão —e muito; e eu heide amar tambem muito á Deos, á meus paes e á elles—as minhas amiguinhas e os pobres —os nossos famulos.

A' hora ajustada Rosinha não faltou, e estavam com ella Angelica e Perpetua. Esta ultima ella amava desde ha muito mas agora a havia posto debaixo de sua protecção; pois

n'aquelle dia, cansada pela sorte da família de Raimundo, o tinha empregado no serviço de seu pae. Estava por—isso satisfeita—.

—Que ceo tão lindo, meu pae-sinho, disse Resinha achando-se com os seus amigos; si eu ja não soubesse, agora acreditaria que ha fora d'este mundo uma outra vida. E tal a minha satisfação e o estado de minha alma!.

—Sentes a vida moral e vês diante de ti o mundo de Deos. A innocencia é metaphysica e nos conduz ao mundo moral.

—Falle-nos antes do mundo metaphysico; porque as minhas companheiras querem, como eu, saber o que é isso.

O mundo metaphysico é aquelle, que é formado pelos entes de relação existentes entre o mundo physico e o moral. Os conhecimentos que adquirimos n'este mundo formam diversas sciencias.

—E quaes são ellas?

—A Psychologia, que trata de nossa alma e da natureza das ideias; e a Onthologia ou Pneumatologia que trata da natureza de todos os espiritos ou forças que regem os phenomenos do Universo.

—A psychologia não se divide?

—Sim: ella é ou psychologia humana ou belluina. A psychologia humana dá-nos, alem do conhecimento da alma, o conhecimento das linguagens e de todas as suas variações. Assim a Grammatica, a Bethorica e a Poetica são ramificações da psychologia.

—E a onthologia?

Trata do conhecimento dos seres espirituaes, quer intelligentes, quer inintelligentes, quer dynamicos, quer latentes. Quando nós estudamos as acções espirituaes, ou consideramos abstractamente as propriedades das cousas, ainda mesmo as das physicas, temos estudado a metaphysica.

—Ja percebo!

Raimundo e Thimoteo ficaram estupefactos ao ouvir as palavras de Bernardo. As meninas muito contentes. E Bernardo disse consigo: « No meio desta boa gente acho-me quasi no seio de Deos. »

(Continuara.)

AS QUATRO ESTAÇÕES DO DIA, POEMA EM QUATRO CANTOS

Por J. F. L.

Que hora amavel! Espirão os favonios;
Transmonta o Sol; o rio se espreguiça;
E a cinzenta alcantifa desdobrando
Pelas azues diaphanas campinas,
Na carroça de chumbo assoma a tarde.

HIMNO A TARDE
POR HUM BRASILEIRO

A TARDE,

TERCEIRO CANTO, OU ESTAÇÃO.

Proximo dessas altas serranias,
Que cercão estes valles e collinas,
Caminha o Sol formoso; e os flammejantes
Ginetes aurierinos, pressurosos
Vão com garbo fendendo os densos ares,
Para se hirem lançar nas frescas ondas
Do magno do Pacifico Oceanor;
Os seus obliquos raios, já mais fracos,
Vão por estas campinas verdejantes
As sombras das montanhas estendendo;
Ellas refrigerando o outeiro, a varzea
Vão do calor do Dia escandeseidos;
Deixando este Emispherio, se encaminha
Para o outro Emispherio: este Horizonte
Inda dos raios seus tocado existe,
Revestido de purpura brilhante:
Oh! que lindo e gracioso entretimento!
Esta côr lá se vai amortecendo,
Na gredelem se torna, e outras muitas
Bellas e varias cores o matizão!
Lá se vai expargindo a côr cinzenta
Por todo o seu espasso, e eis a Tardo
No seu carro cinzento assoma lèda.

Oh! deliciosa Tarde! Estação bella,
De encanto e graças mil adereçada!
Quão placida e risonha te apresentas
Aos genios que apreciação teus encantos!

Nesta grata Estação tudo he mais brando;
A asperrima Cigarra já cansada
O canto impertinente vai sumindo;
E a chusma dos plumosos Passarinhos
Já não cantão com tão fortes acentos,
Mais maviosos são os seus gorgeios;
Os meigos Sabiás com mais ternura
Os seus cantos alternão; os Favonios
Mais brandos se espriguição, e respirão
Nos ramos das fragantes Langueiras;
E o Rio vagaroso, já movendo
As frias aguas vai pelos remansos.

O' Tarde, ó linda Tarde, moça amena
Vem meiga, graciosa, e socegada
Trazer para os que são laboriosos
O placido descanso apeteccido.

Que pittorescos quadros se apresentam
Aos olhos nestas horas deliciosas!
Lá naquella descida da collina
Hum mancebo Pastor com graça largo
A sonora frauta, e ao som della
Hum joven lindo par dançando desce.
Lá sobre aquella ponte vem passando
De ovelhas hum rebanho, e o Pastorzinho,
Seguido do seu cão, as vai guiando
Para o vizinho aprisco, e vai cantando
Com maviosa voz Canção queixosa.
Outro lá na campina mais distante,
Trepado n'uma ruina, ao som da gaita,
Que elle mesmo fizera, o manço gado
Junta em roda de si, e se prepara
Para ao curral levar-o. Além nas grimpas
De escabroso rochedo os Cabritinhos
Galantes, e travessos vão pulando
A poz das charas mãos, ligeiros, destros
Pela parte mais ingreme descendo,
Para hirem buscar á noite abrigo.
Lá caminhando vão para o thegurio,
Daquelle pittoresco e lindo Alvergue,

O bando numeroso das diversas
Das plumosas familias: eis os Patos,
E os Marrecos lá sahem desse lago,
Cercado por hum lado de arvores,
As pennas sacodindo humedecidas,
E ao thegario tao bem se encaminhando.
Lá sobre hum collina agricultada,
O lavrador suspende a negra turma
Dos diversos trabalhos, que coberto
De pó, e de suor, depondo a enxada,
Delle se vão limpando, e se preparam
A hirem descansar na grata noite,
Da fadiga diurna em que estiverão;
Elles partem ligeiros, e contentes:
Huns levão da Mandioca os cestos cheios,
Para della fazer-se no outro dia
A torrada farinha; outros a lenha,
Os cestos dos carás, e das batatas,
E os cachos já devezes das bananas.
Eis do bello Casal já se aproximão,
E o assiduo lavrador: os tenros filhos
Saudosos se dirigem a encontral-o;
Hum lhe pega na mão, e nella imprime
Ancioso seus labios carinhosos;
Os joelhos lhe abraça outro contente;
Outro aos braços lhe sobe, e meigo abraça
O pescoço do Pai, que alegre, e grato
Com affagos lhe paga o seu affecto.
A terna Mãe, a carinhosa Esposa,
Que á porta vê gostosa a grata scena,
Saúdosa não espera que elles entrem
Sem ser ao lado seu; ella ao terceiro
Já sahe ao seu encontro, e entre todos
O espectaculo se vê mais deleitoso
De amor e de ternura. Oh! do Campo
Vivenda preciosa e agradável!
Quanto és pura, feliz, e graciosa!
Os nobres Cidadões a não invejão,
Porque os teus attractivos não conhecem:
Elles neste momento talvez andem
(Como é costume entre elles) enfiados
Da finissima lã nas ricas vestes,
Nas cegas recostados frouxamente

A fazer cumprimentos, e vizitas
De mero formulario, e cerimonia,
Insulsamente assim gastando o tempo
Sem fructo, nem prazer té alta noite.

O' Homens venturosos, e felizes,
Que tranquilllos viveis na grata lida
De cultivar os campos, os outeiros,
De apascentar os gados, quanto é puro
Esse modo de vida que buscastes,
Vós mesmo não sabeis apreciar-o.
Ah! se vós confrontasseis estes quadros
Da simples, da mimosa Natureza,
Que esta doce Estação vos offerece,
E visseis quão tranquillo he nestes sitios,
E quanto nas Cidades turbulento,
Vós lhe darieis muito mais apreço,
Vós bem dirieis os distintos vossos
Com muito mais fervor, mais alegria
O que fazeis agora? Descansando
Do trabalho do dia, o pensamento
Tendes todo occupado, e entretido
No que haveis de fazer quando d'Aurora,
Vos despertar do somno, a luz formosa:
Que he preciso colher o grão maduro
Do rouxiado caffè, que vañ passando;
Que da herba nosciva he necessario
Limpar o feijoaal já florescendo,
E á fresca horta levantar as leivas;
Eis os cuidados, passatempos vossos.
Não succede outro tanto aos habitantes
Da opulenta Cidade, onde o bulicio;
O alacido, e tropel das carroagens
Não cessão senão quando he alta noite.
O Cidadão que faz? A esta hora
O injusto Juiz, pensando, existe
Mordido dos remorços, na sentença
Que dára injustamente, ou por empenho,
Ou porque lhe batera o outro á porta;
O corteção nutrido nas intrigas,
Com outros seus iguaes só della trata;
O homem do commercio, no escritorio.

Nas especulações todo occupado,
Não dá do gabinete hum passo fôra;
Assim elles não gozão, não desfructão
Dos lindos arrebôes da bella Tarde,
Não aprecião seus encantos doces;
Nem tão pouco dos quadros prazenteiros
Da sempre encantadora Natureza,
Aqui de dia em dia produzidos
Com mil bellezas, mil encantos novos;
Da sã simplicidade elles não gozão,
De huma vida frugal tranquillã e lèda,
Izenta do fatal ruinoso luxo,
Livre dos pôdres vicios, das intrigas,
Dos partidos puliticos, da inveja,
Do capricho, do ódio, da vingança,
Do dólo, d'ambição, da fraude e tudo
Quanto lá nas Cidades se alimenta.

Oh! mil vezes felizes, venturosos
Habitantes dos Campos! vossa vida
He digna de invejar-se, e possuir-se!
A noite ja lá vem desenrolando
O azulado manto, e vem trazer-vos
O placido socego, e o descanso;
Vós hides desfructar tranquillo somno
Na vossa humilde choça, até que o canto
Do vigilante Gallo vos desperta
Aos primeiros crepusculos d'Aurora,
P'ra voltardes á lida da lavoura,
Que socego vos dá, vos dá prazeres.

FIM DO TERCEIRO CANTO, OU ESTAÇÃO.

A ARTE E O ARTISTA.

Será debaixo das vestes da riqueza, dos títulos e condecorações que se encontra a virtude e honradez? Encontrar-se-ha só, no interior dos palácios, onde tudo denote grandezas? De certo não, na choupana do pobre, no albergue do mais infeliz, no mister do artista também se encontra. Sim no mister do artista que é uma missão dada por Deus ao homem para formoscar o que outro'ora era um verdadeiro cahos, e para dar brilho ao que precize da mão do artista, porque essa grandeza que ostentão os grandes, foi alcançada com o suor do rosto desses artistas, e muitas vezes com o sangue de suas veias.

E' do artista compositor que especialmente fallamos, dessa arte que El-Rei D. Manoel de Portugal appellidára—nobre—e arte nascida em Maiyence, no 15.º seculo, e que se attribue a João Gutemberg natural de Maiyence que teve por companheiro a Jaques Montet, os quaes em 1458 reproduzirão seus ensaios sobre a mais util, e talvez a mais trabalhosa das artes, e a que se pôde chamar com verdade a chave da curta civilização, depois ao regressar Gutemberg á sua patria pelos annos de 1449, alli se estabeleceu em sociedade com um ourives por nome Fust homem muito habil e engenhoso, de cujo nome se recordará sempre a posteridade. Foi nestas épocas que mais se desenvolveu a arte typographica, e rompeu as nuvens que lhe encobrião o seu verdadeiro brilho. Forão estes dous associados que conseguirão substituir aos caracteres moveis de páo, em outros esculpidos em metal, mas a excessiva despesa que exegia tal melhoramento os fez desanimar. Já a esse tempo um mancebo por nome Schoefer, que era domestico de Gutemberg, dotado de uma vivacidade e um genio pouco vulgar interceptou o segredo; dedica-se á empreza, combina, indaga, e finalmente chega a elevar a imprensa ao grão das artes, depois de também haver inventado a tinta para imprimir. Fust encantado de tantas descobertas em retribuição lhe deu sua filha em casamento.

Desde então até aos nossos dias se tem propagado, mas esses que tanto lhe devem, cospem sobre ella, e desdenham abraçar como irmãos aquelles que de coração se cõtão a tão penoso trabalho. E neste seculo appellidado da verdadeira luz, que se vai deixando morrer de inacção, talvez a mais util das artes; o compositor assimelha-se ao

soldado que tem de obedecer desde o mais novo dos arripçadas até ao commandante, mas o compositor não só se humilha ao paginador, author e proprietario como ainda mesmo a criticas de revizores que lhe cortão sem dó nem consciencia no phisico e no moral. Muitas vezes o pobre do compositor tem que sujeitar-se aos inconvenientes d'uma casa sem claridade (o que especialmente se requer), outras vezes falta de typo, e algumas de originaes e finalmente pelo seu salario (o exccussivo). Quantas occasiões um joven compositor sente dar onze horas da noite, horas de descanso para qualquer outro artista e elle, tem de ver-se na dura necessidade de supportar o terrivel incommodo do fumo e calor das luzes que mais o ajudam a cobrir de raiva e de desespero! Ah! que é então que o artista amaldiçoa o seu mister e a sua sorte, é então que sente evaeccer-se uma a uma as fibras do seu coração ainda tão novo que pulsa de baixo do remendado saial do infortunio, e talvez da miseria! Quanto daria elle para dizer como Julio Cesar, que dava uma corêa pelas caricias d'uma noite....

São onze horas da noite, horas em que o compositor deseja ver o objecto de seus amores, ou ter ido talvez ao theatro, o que muitas vezes tendo recebido bilhete para o beneficio de um seu amigo, lhe fica na algibeira perdendo dinheiro e o divertimento, outras vezes depois de excessivo trabalho do dia, desejava o refrigerio da noite—houve gritar pelo seu nome o paginador, com voz rouca que lhe annuncia haver novo original para compor! Oh! ó desespero! O compositor que tem lavado as mãos, e vestido a cazaca, atira com o chapeo, arranca os cabellos, range os dentes e ás vezes tambem lhe corre pela face a lagrima precursora do desespero, o compositor recebe o original que compol-o a sangue frio, mas o contar as horas fazem com que não possa suffocar a agonia que o devora e neste lutar, do trabalho e do desespero, os faz compor abundantissimos erros; o revizor enche-lhe as provas de emendas, e ordena-lhe que tire segundas; são novas ancias para o compositor, com a pressa com que deseja sair, quebra a composição! Sebe-lhe o calor ao rosto, bate o pé; não tendo outro recurso que tornar a emendar, dando ao Diabo a arte, e o tempo que levou em a aprender....

Deixemos agora o compositor joven, com todo aquelle foga dade aquella idade, e reparemos n'outro, pallido, abatido e de vez em quando lançando olhos para seu trabalho que se en-

UMA LAGRIMA!..

Amor, que a todos
Dá vida, encanto,
Em mim somente
Disperta o pranto!....

Quando a aurora, sobre as flores,
Vai as per'las espargindo,
Ellas se abrem feliceiras,
Amor... amor... repetindo!..

E só eu não sou feliz,
Só eu choro sem cessar;
Porque deu-me Deos dois olhos,
Um coração para amar.

Da noite, o astro luzente,
Quando rico vem surgindo,
Vem cadente, harmonioso,
Amor... amor... repetindo!..

E só eu não sou feliz,
Só eu choro sem cessar;
Porque deu-me Deos dois olhos,
Um coração para amar.

O sopro da briza bella
Suavemente zunindo,
Vai o espaço embalçamando,
Amor... amor... repetindo!..

E só eu não sou feliz,
Só eu choro, sem cessar
Porque deu-me Deos dois olhos,
Um coração para amar.

Do bosque o plumbeo cantor,
Quando aos astros vai subindo,
Vai, no canto que modula,
Amor... amor... repetindo.

E só eu não sou feliz,
Só eu choro, sem cessar;
Porque deu-me Deos dois olhos
Um coração para amar.

B. J. B.

O SOPRO DA BRIZ

N'aurora da existencia ost
 Nos jardins lindas
 N'aurora da existencia marcha

Annoso e curvo arvoredos
 Ostenta a sua grandeza
 N'um lugar onde prospera
 A ridente natureza.

E de seus vergados galhos
 Um pedunculo surgira,
 E na sua extremidade
 Lindo botão construíra.

Das trevas surgindo a aurora
 N'um sorrir lagrimejou,
 Caiu no botão, o bago,
 E o botão desabrochou.

E esse botão que á pouco
 Mostrava nenhum valor,
 Veiu cumprir o seu destino,
 E agora chama-se—flor—.

E a alva estrella, que surgira
 Tão bonita, e tão fagueira,
 Tão bein feita, e seductora
 E' a flor da laranjeira!

E essa estrella é o diadema
 Que orna o seu pomo dourado;
 E o aroma, que dá-lhe orgulho
 Traz o ar embalsamado!

E, d'essa florinha bella
 Que alegria ao campo deu,
 E' bem triste... bem mesquinho
 O porvir e o fado seu!

Inda infante... coitadinha!
 Mais tarde a briza soprou,
 E essa briza que soprara
 Uma folha lhe arrapeou!

E após volvendo ligeira
 Por seu cheiro embellezada
 Viu a flor, com bem tristeza,
 Ser-lhe outra folha arrancada!..

Pelos euros que brincarão
 Na seguinte madrugada
 Foi-lhe o resto das folhinhas
 Uma, por uma, roubada!..

Oh! como semelha a flor
 A' existencia dos mortaes?
 Como segue á risca a marcha
 Dos systemas naturaes?!

Nasce a infante creatura
 Que o pae e mãe alegrou;
 Vem a morte, e d'improviso
 N'um sepulchro a encerrou!..

B. J. B.

LOGOGRIPO.

Co'a primeira mostro um pégo,
 Co'a segunda um grito dou,
 Co'a terceira um logar mostro,
 E co'a quarta um doce sou.

CHARADAS.

1.

Eu fui creado e nascido
 Com certo animal potente,
 A quem mata a dura Gente
 Depois de a ter servido.
 Não posso nelle escondido
 A suas mãos escapar;
 Depois de me torturar
 Com mil rigereses tratos.
 Me pretendem os ingratos
 Pelo fogo exterminar.—2

Verde foi meu nascimento,
Tive morte d'afogado,
Fui por muitos espancado
Com duro e máo tratamento.
Depois de tanto tormento
Longo tempo ter soffrido,
Houve quem compadecido
De tanto mal me livrou,
Que, o que fui já não sou,
Hoje sou de todos querido.—2

Sou, deminutivo macho
Do semea bem conhecida,
Que da em panella ou lacho
Triste fim a doce vida.

2.

Sobre a primeira das arvores—1
Canta a segunda fagueira—2

Guarnecendo os fios d'ebano
Traz a moça, prazenteira.

Explicação da Claiada do n.º 10—Floresta.

A HARPA BRAZILIENSE.

Periodico semanal, 16 pag., 8.º francez, contendo unicamente poesias brasileiras, escolhidas, modernas e ineditas. Preço da assinatura 3.75\$ trimensaes na typographia do *Mercantil*, rua da Quitanda n.º 15, na do Senhor Teixeira e Comp. rua dos Olivives, n.º 21 e na rua do S. José n.º 45. Havendo 500 assignantes baixará o preço, por quanto o fim d'esta empresa não é o interesse, mas sim o desejo de dar a conhecer muitos dignos Brazileiros. Espera-se pois a coadjuvação de todos os Brazileiros que amão as letras do seu paiz e de todos aquelles que amão especialmente a poesia.

N. B. Só se começará a publicar havendo numero sufficiente de assignantes.